

O CABRA É BOM OU É RUIM? CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CARÁTER SOCIAL DAS METÁFORAS ANIMAIS

Fernanda Cavalcanti¹

cavalcanti7fernanda@gmail.com

RESUMO: As metáforas animais são avaliadas por Kövecses (2010) como um dos domínios fonte mais produtivos das Metáforas Conceptuais (MCs) presentes em nosso sistema conceptual. Desse modo, ainda de acordo com Kövecses (2010), boa parte do comportamento humano parecer ser compreendido em termos de comportamento animal, isto é, pela MC COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL. Tal autor acrescenta que as pessoas seriam igualmente conceptualizadas em termos de animais, isto é, pela MC SER HUMANO É ANIMAL. Por outro lado, de acordo com Rodriguez (2009), as metáforas sofrem influências de componentes comportamentais e ideológicos, a exemplo das metáforas animais que projetariam experiências relativas à construção de identidades sociais e de gêneros. De acordo com pesquisa, Rodriguez (2009) assinala que metáforas animais formulam e motivam conceitos pejorativos a respeito da condição feminina, a exemplo da conceptualização de mulher em termos de gata ou de cadela nas línguas inglesa e espanhola. Em nossa pesquisa de doutorado, observamos que no Nordeste brasileiro, a metáfora animal cabra ao conceptualizar homem traz alguma ambiguidade, já que o categoriza como bom ou mau. Para autores como Freyre (2004), por exemplo, o cabra teria certa aura heroica por se constituir em um dos primeiros representantes de um homem verdadeiramente brasileiro. Para Cascudo (2009), no entanto, o tratamento de cabra seria insultuoso. Com base na Teoria da Metáfora Conceptual, em especial em autores como Kövecses (2005; 2010) e Rodriguez (2009), objetivamos com este trabalho problematizar a conceptualização de homem em termos de cabra. Dessa forma organizamos o nosso trabalho em duas seções, além da Introdução e das Considerações Finais nas quais, na primeira, discutimos as definições da expressão convencional cabra constantes em Freyre (2004) e Cascudo (2009) à luz da Teoria da Metáfora Conceptual; na segunda, fazemos o cotejo de tais definições com as definições que recolhemos com a aplicação de questionários junto a 123 residentes em Fortaleza e em pesquisa documental.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora Animal; Cabra; Construção de Identidades Sociais e de Gênero.

ABSTRACT: According to Kövecses (2010), animal metaphors are one of the most important source domains in our conceptual system. Still according to Kövecses (2010),

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ.

much of human behavior appear to be understood in terms of animal behavior, that is, by Conceptual Metaphor HUMAN BEHAVIOR IS ANIMAL BEHAVIOR or people would also be conceptualized in terms of animals, that is, the Conceptual Metaphor HUMAN IS ANIMAL. On the other hand, according to Rodriguez (2009), Conceptual Metaphors are influenced by behavioral and ideological components, like the animal metaphors that would design experiences for the constructions of social identities and gender. Based on her research, Rodriguez (2009) points out that animal metaphors formulate and motivate bad concepts regarding the women condition, like the conceptualization of woman in terms of cat or bitch in English or in Spanish. In our PHD research, we found that in Brazilian Northeast, the animal metaphor *cabra* (goat) in terms of man brings some ambiguity in order to categorize man as good or bad. In this sense, for the authors like Freyre (2004), *cabra* (goat) would be a kind of hero, he constitutes one of the first representatives of Brazilian man. On the other hand, according to Cascudo (2009), *cabra* (goat) could be insulting. Based on the theory of conceptual metaphor, especially in authors like Kövecses (2005; 2010) and Rodriguez (2009), we aim to work to question the man's conceptualization in terms of goat. Thus, we organize our work into two sections, besides the Introduction and Final Words in which, in the first, we discuss the definitions of conventional expression of *cabra* (goat) in Freyre (2004) or in Cascudo (2009) in light of Theory of Conceptual Metaphor; in the second, we make the comparison of these definitions to the definitions that we collect with the application of questionnaires to 123 residents in Fortaleza.

KEYWORDS: Animal Metaphors; *Cabra* (goat); Constructions of Social Identities and Gender

Introdução

O uso da expressão convencional *cabra*, encontrada no Nordeste do Brasil, refere-se tanto ao animal em questão como a homem. Dessa forma, tal expressão é definida em dicionários gerais, a exemplo de Ferreira (2004), para além da referência a animal, ora como sinônimo de ‘homem’ e/ou ‘sujeito’, ora como sinônimo de ‘capanga’ e ‘cangaceiro’. Além disso, de acordo com dados obtidos com a aplicação de questionários para nossa pesquisa de doutorado, o uso da expressão em questão pode, por um lado, ser considerado ofensivo quando referida a homem; e, estar associado à ideia de homem valente e resistente, por outro lado. Assim, tal expressão pode ser abordada como um caso de polissemia tanto do ponto de vista da Semântica Lexical como da Semântica Cognitiva.

Para Lakoff (1987), a polissemia é um fenômeno semântico-conceitual que pode ser discutido a partir do sistema conceptual humano, ou ainda dos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCIs). Em outras palavras, de acordo com Lakoff (1987), os MCIs teriam base corpórea e constituiriam o sistema conceptual humano ao

estruturar o pensamento e formar categorias e/ou conceitos. Tais modelos seriam, assim, produtos de princípios gerais construídos a partir da experiência corpórea humana física e sócio-culturalmente situada. Ou seja, em vez de descrevê-los a partir de regras lógico-formais, Lakoff (1987) preconiza para tal fim, a necessidade de observar, investigar e formular teoria que dê conta das motivações corpóreas oriundas das interações humanas sensório-motoras com o meio físico e sócio-culturalmente situado.

Nesse sentido, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante TMCI) pode ser compreendida como um desdobramento da Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC). Segundo esta última, o ser humano estruturaria os conceitos mais abstratos baseados em conceitos menos abstratos, ou ainda de natureza corpórea e sócio-culturalmente situada, a exemplo de amor conceptualizado sistematicamente em termos de viagem e de ideia conceptualizada sistematicamente em termos de comida. (Lakoff e Johnson, 1980). Em consonância com tais postulados, Kövecses (2010) avalia que as metáforas animais seriam uma das mais produtivas de nosso sistema conceptual. Ou seja, tanto o comportamento humano como o próprio ser humano seriam relevantemente conceptualizados em termos de comportamento animal e de animal, respectivamente.

Além disso, para Kövecses (2010), embora as metáforas animais pareçam, majoritariamente, conceptualizar comportamento humano e ser humano de maneira pejorativa, a exemplo de expressões em português do Brasil como, *ele não fala, ele berra e o burro do vizinho cortou a árvore de nossa calçada*, conceptualizam, igualmente, o comportamento humano e ser humano de maneira positiva e neutra, a exemplo de expressões em português do Brasil como, *quando soube que eu estava doente, ele voou para cá e ela é uma mãe coruja*.

Nessa perspectiva, Kövecses (2010) afirma que o nosso sistema conceptual apresentaria as seguintes metáforas animais: SER HUMANO É ANIMAL, PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, PESSOAS SÃO ANIMAIS, COMPORTAMENTO HUMANO INDESEJÁVEL É COMPORTAMENTO ANIMAL e COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL. Em outras palavras, ainda de acordo com o autor em questão, as metáforas animais seriam complexas e apresentariam a metáfora de nível genérico e potencialmente universal SER HUMANO É ANIMAL e as metáforas de nível específico, já que variariam de acordo com o situamento sócio-cultural, PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, PESSOAS SÃO ANIMAIS, COMPORTAMENTO HUMANO INDESEJÁVEL É

COMPORTAMENTO ANIMAL e COMPORTAMENTO HUMANO É
COMPORTAMENTO ANIMAL.

Por outro lado, Rodriguez (2009) afirma, com base em pesquisa, que as metáforas animais motivam e formulam conceitos negativos a respeito das mulheres e de sua condição social no âmbito das línguas inglesa e espanhola. Para a autora em questão, tais recursos cognitivos seriam motivados por crenças e valores de determinado grupo de indivíduos, representado pelo macho branco e heterossexual, que na condição de cânone social, conceptualiza de forma negativa a condição social de determinados grupos que se apresentam como o Outro, a exemplo das mulheres.

Em outras palavras, para Rodriguez (2009), as metáforas animais não possuiriam apenas base cognitiva, mas também motivação cultural. Pois, tais metáforas projetariam atitudes e crenças de determinadas comunidades em relação não apenas a determinados animais, mas em relação a determinados animais em termos de determinados grupos sociais. Dessa forma, os usuários das línguas inglesa e espanhola transmitiriam e perpetuariam crenças sociais ao conceptualizar, com base nas metáforas animais, as mulheres em termos de objeto dos desejos sexuais do macho branco e heterossexual.

Para analisar o papel das metáforas animais na construção da identidade feminina nas línguas inglesa e espanhola, Rodriguez (2009) relaciona a condição de domesticidade, o tamanho e o potencial de comestibilidade do animal conceptualizado em termos de mulher com o potencial sexual feminino ser autorizado ou não. A autora encontrou três tipos de metaforização: (1) a mulher em termos de animal doméstico e de pequeno porte, cujo potencial sexual não seria autorizado, e a relação sexual seria considerada espúria, a exemplo da mulher mapeada em termos de cadela; (2) a mulher em termos de animal doméstico, cujo tamanho e o grau de domesticidade ao variarem provocariam variação quanto a ser o potencial sexual dessa mulher autorizado ou não, a exemplo da mulher mapeada em termos de vaca ou de franga, respectivamente; (3) a mulher em termos de animal selvagem, cujo potencial sexual seria obscuro, a exemplo da mulher mapeada em termos de loba.

Assim como Rodriguez (2009), observamos, com base em pesquisa de doutoramento, que haveria motivações de ordem cultural na metaforização de homem em termos de cabra. No entanto, observamos ainda que tal conceptualização teria como base mapeamentos de características tanto positivas como negativas. Dessa forma,

discutiremos, neste trabalho, a projeção de atitudes e crenças da comunidade nordestina com base no mapeamento homem em termos de cabra. Para tanto, nas duas seções que se seguem, antes de nossas considerações finais, trataremos, primeiramente, das definições da expressão convencional cabra formuladas por Freyre (2004) e Cascudo (2009) à luz da TMC; em seguida, faremos o cotejo destas definições com as demais definições por nós recolhidas por ocasião de nossa pesquisa de doutoramento de modo a subsidiar as conclusões contempladas em nossas considerações finais.

1. A expressão convencional *cabra* e as definições de Freyre (2004) e Cascudo (2009)

A expressão convencional cabra é definida por Cascudo (2009, p.60), da seguinte maneira:

Chamamos cabra ao filho do mulato com a negra e não é simpático ao folclore sertanejo. Não há doce ruim nem cabra bom. O tratamento de “cabra” é insultuoso. Ninguém gosta de ouvir o nome. [...]. Todas as estórias referentes aos “cabras” são pejorativas e são eles entes malfejos, ingratos, traiçoeiros. (Grifos do autor).

Assim como Cascudo (2009), Mota (1987) assinala a relação entre cabra e ‘entes malfejos’, ao repertoriar o seguinte conjunto de fraseologia em torno da expressão em estudo: ‘Cabra do Cariri mata pra instruir’, isto é, o ‘cabra caririense mata sem necessidade’; ‘Cabra e cobra’, isto é, ‘todo cabra é perverso’ e ‘Cabra não come azeitona e caga os caroços’.

Com base na definição apresentada por Cascudo (2009), é plausível afirmar que a conceptualização negativa de homem em termos de cabra se dá devido ao mapeamento do caráter mestiço do cabra, que tem como base duas etnias socialmente desprestigiadas na cultura brasileira. Além do mapeamento negativo de tal traço, verificamos outro mapeamento, de caráter igualmente negativo, relacionado à origem regional desse tipo, já que o cabra teria como uma de suas residências originais uma das regiões mais pobres e desassistidas do Brasil: O Sertão Nordeste.

Teríamos, dessa forma, a metáfora animal homem em termos de cabra, particularmente a metáfora de nível específico PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA, projetando normas culturais norteadas pela visão hegemônica e preconceituosa de um determinado grupo social - a

aristocracia agrária nordestina e a elite brasileira - em relação à identidade de determinado grupo, na condição de Outro, o mestiço de negra e mulato, residente em regiões pobres do Nordeste. Assim, tal qual Rodriguez (2009), consideramos que as metáforas animais possuem, além dos aspectos cognitivos basilares, motivação cultural.

Nesse sentido, caberia a seguinte pergunta: Por que homem brasileiro, mestiço e sertanejo está sendo mapeado em termos particularmente do animal cabra? Ou seja, de que maneira a comunidade nordestina do Brasil percebe e avalia o papel socioeconômico e cultural da cabra? Ou ainda que tipo de crença e de norma cultural relacionada ao animal cabra motivaria a metáfora conceptual de nível específico **HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA?**

Nessa perspectiva, é interessante ressaltar que ao fazer referência à figura masculina em termos de cabra, Cascudo (2009) também se reporta ao animal. Ao discorrer sobre a história desse animal, Cascudo (2009) nos informa que do convívio com a cabra e o bode, teriam surgido histórias, segundo as quais ambos os animais desapareciam por uma hora durante o dia para ir ter com o *coisa ruim*. O autor (2009, p.61) avalia, então, que:

Desta participação religiosa a cabra nunca se libertou. Não se aproximou de santo algum e não há lenda ou história em que figure como elemento favorável. Familiar, doméstica, da intimidade sertaneja, não inspira confiança integral ao povo. Em lenda alguma da literatura oral cristã comparece com a cabra num plano de boa educação ou afeto. Na etiologia de sua voz, há uma condenação popular que tivemos de Portugal: “Cristo nasceu!” – cantou o galo. “Onde” – muge o boi. “Em Belém!”, baliu a ovelha. “Mentes, mentes” – resmungou a cabra, guardando até hoje a negativa gaguejada e pagã. (Grifos do autor).

Cascudo (2009) acrescenta ainda que, no século XVI, além de já constar nos cardápios populares da região setentrional do Brasil, a cabra garantia por meio de seu leite a alimentação, sobretudo, da criança brasileira. Registra igualmente que havia a crença de que o leite da cabra podia transmitir “o caráter inquieto, buliçoso, arrebatado, da amamentadora. O menino, demasiado vivo, arteiro, endiabrado, [teria] a justificativa no leite da cabra”. (Cascudo, 2009, p.62). Diante de tais fatos, estimamos que haja correlação entre a compreensão do cabra como indivíduo ‘malfejo’, ‘ingrato’ e ‘traíçoeiro’ e a cabra como animal ‘endiabrado’. Ou seja, consideramos que tais crenças motivaram e motivam o mapeamento de características negativas de homem em termos de cabra.

Interessante, nesse sentido, ressaltar alguns aspectos relativos ao processo de satanização de animais a exemplo do bode e da cabra. De acordo com Nogueira (2002), a cristianização ocidental envolveu todo um mecanismo de satanização da tradição mitológica pagã no qual foram associadas como uma das manifestações do demônio, a figura do ‘bode’ e demais animais, reais ou não, que fossem cobertos de pêlos ou escamas, dotados de olhos saltados, de bocas rasgadas e cavernosas, de chifres, de rabos, de asas, de garras, de cascos e de cabeça desproporcional ao corpo. A título de exemplo, o autor nos informa que, na Europa Medieval, se um fiel não conseguisse comer carne de cabra durante 30 dias, é porque estaria em possessão demoníaca.

Souto Maior (1975), ao corroborar com a prática de satanização dos animais no âmbito das tradições católicas do Nordeste brasileiro, afirma que, devido à força da religiosidade em tal região, é possível verificar a presença relevante da figura do Diabo na linguagem popular nordestina. Ainda de acordo com Souto Maior (1975), no romance *Fogo morto*, de José Lins do Rêgo, considerado como importante fonte do linguajar nordestino, é possível localizar 94 expressões que evocam a figura do Diabo, sendo que algumas dessas definições se remetem à figura do bode.

Por outro lado, a expressão convencional *cabra* também se refere a homem viril, valente, trabalhador e, até mesmo, heróico. Tal fato se constitui em evidência, a nosso ver, de que a expressão em questão é também licenciada por mapeamento de características positivas. De acordo com Freyre (2004, p.172), por exemplo:

O cabra do Nordeste, define-o o folclorista Rodrigues de Carvalho segundo a ideia mais popular entre a própria gente da região: “tem um caldeamento especial: 50% de africano, quarenta de índio e dez de um ariano fugidio pelo entorpecimento.

É mais: é o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. É o “cabra danado”. O “cabra escovado”. O cabra bom. O cabra de confiança. A ele a imaginação do povo atribui uma potência sexual extraordinária a que não faltariam vantagens físicas também excepcionais.

Rodrigues de Carvalho dá o cabra do Nordeste como “forte, trabalhador, valente”, mas irrequieto; inconstante, nem sempre leal. E acrescenta: “Raramente o cabra...tem dedicação afetuosa do africano ou a carinhosa estima do mameluco, ou do branco”. (Grifos do autor).

Quanto à afirmação de Rodrigues de Carvalho acerca do caráter ‘irrequieto’, ‘inconstante, nem sempre leal’ do cabra, que o fazia não ser bem apreciado como o

africano, o mameluco e o branco, Freyre (2004) a contesta ao argumentar: primeiro, que o mameluco seria um tipo mais raro na região em questão do que o cabra; segundo, que “lealdade, a conformidade e a constância de subordinados não [seriam] qualidades” relativas a tipos mestiços, como o cabra, e não mestiços, como o índio puro e o africano negro, e sim ao tipo de subordinação exigido a cada uma dessas etnias; por último, que o cabra ou o ‘mulato’ do Nordeste agrário, a despeito das péssimas condições em que viveu e trabalhou, mostrou ser “um tipo forte e capaz de esforço constante. Muitas vezes bonito de corpo e belo de traços”. (Freyre, 2004, p.175)

Ainda na defesa do caráter heróico do cabra, Freyre (2004, p.171) acrescenta que:

A história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar está ligada, como talvez a de nenhuma outra região de Brasil, ao esforço do mestiço, ou antes, do cabra. Um esforço que se tem feito duramente. Mas, mesmo assim, notável pelo que tem construído e realizado.

Além disso, ao mencionar a história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar, Freyre (2004) não só contextualiza sua importância na história do Brasil como torna a destacar que foi aí que se deu o nascimento de uma civilização verdadeiramente brasileira. Ou seja, para o autor (Freyre, 2004, p.50):

A verdade é que foi no extremo Nordeste – por extremo Nordeste deve entender-se o trecho da região agrária do Norte que vai de Sergipe ao Ceará – e no Recôncavo Baiano- nas suas melhores terras de barro e de húmus – que primeiro se fixaram e tomaram fisionomia brasileira os traços, os valores, as tradições portuguesas que junto com as africanas e as indígenas constituiriam aquele Brasil profundo, que hoje se sente ser os mais brasileiros.

Interessante ressaltar que o autor (Freyre, 2004, p.111) também se refere ao papel socioeconômico da cabra no Nordeste do Brasil. Diferentemente de Cascudo (2009), Freyre (2004) se reporta a tal animal como a ‘comadre cabra’ quando nos explica que:

[Trata-se de] um animal realmente útil aos dois nordestes, dando-lhes o leite e o excelente requeijão – e não apenas a pele para o grande comércio israelita de peles. Mas sem lhes destruir as plantas. Criando-lhes os filhos e fornecendo-lhes mais facilmente que a vaca a manteiga e o queijo.

Apesar de destacar comportamento perigoso da cabra em relação à plantação, caso não fosse mantida em currais, Freyre (2004) enaltece certos traços de humanidade atribuídos à cabra ao recuperar a expressão popular 'comadre cabra'. Em suma, para o autor em questão, tanto o cabra é definido a partir de características - forte, esforçado, resistente, com eventuais traços de beleza física - que enaltecem o fato dele se constituir em um dos primeiros exemplares verdadeiramente brasileiros como a cabra teria papel social essencialmente positivo por ela prover boa parte da alimentação das crianças sertanejas e brasileiras.

Com base nas definições dos supracitados especialistas em cultura e história brasileiras e de acordo com Kövecses (2010), é possível afirmar que a metáfora animal homem em termos de cabra é conceptualizada da seguinte forma: PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA, e PESSOAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM MESTIÇO VALENTE, VIRIL E TRABALHADOR É CABRA. Ou seja, tal metáfora animal é conceptualizada de forma negativa e positiva em função de motivações culturais de natureza negativa e positiva, visto que à cabra é atribuído caráter demoníaco e papel social de provedora da alimentação das crianças sertanejas e brasileiras.

2. A expressão convencional cabra segundo os dados coletados por meio de aplicação de questionário e de pesquisa documental

Embora Cascudo (2009) e Freyre (2004) atribuam origem rural, ou mesmo sertaneja, à figura do cabra, observamos o uso da expressão em questão em espaço urbano como, o da cidade de Fortaleza. Ainda segundo nossas observações, essa expressão passou a ter, prototipicamente, o caráter mais geral, sendo, portanto, mapeada igualmente pela MC animal PESSOAS SÃO ANIMAIS.

Tal observação pode ser confirmada pelos dados por nós coletados em Fortaleza, entre o período de 2010 e 2013, a partir da aplicação de quatro questionários junto a 123 participantes - residentes em Fortaleza, cuja maior parte é constituída por universitários não concludentes do curso de Educação Física, Dança e Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do curso de comunicação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) -. De acordo, por exemplo, com 33,3% de 33 participantes, que responderam ao primeiro dos quatro questionários, com base em oito significados disponibilizados de

forma desordenada acerca da expressão convencional *cabra*, ‘um homem’ seria a melhor definição para o que seria verdadeiramente um cabra ao passo que 27,3% desses 33 participantes apontaram ‘cabra da peste’ como a melhor definição; 15,2%, ‘um sujeito qualquer’; 12,1%, ‘cabra macho’; 9,1% não responderam; e 3%, apontaram ‘cabra bom’. Não houve menção aos significados ‘cabra véi’², ‘cabra raparigueiro’³ e ‘capanga’⁴, que também foram disponibilizados na supracitada pergunta.

Ainda com base nos mencionados dados, para 86,7% dos 30 participantes - que responderam ao segundo questionário - a expressão convencional *cabra* não se refere a ‘representante da mistura entre mulato e negra’ contra 6,7% que disseram ‘não conhecer tal significado’; 3,3% que ‘poderia ser’; e 3,3% que ‘sim’. Para 73,3% desses 30 participantes, a expressão em questão não se refere a ‘jagunço’ contra 13,3% que reconheceram tal significado’; 10% que disseram que ‘poderia ser’, 3,3% que disseram ‘não conhecer tal significado’. Além disso, 73,3% desses 30 participantes disseram que a expressão em questão não se refere a ‘cangaceiro’ ao passo que 13,3% disseram que ‘sim’; 6,7% disseram que ‘poderia ser’; e 6,7% disseram ‘não conhecer tal significado’.

Ademais, nos chamados dicionários de ceará/cearensês, isto é, em publicações de caráter jocoso acerca do falar do cearense, encontramos a expressão convencional *cabra* definida como (1) ‘sujeito’ e (2) ‘homem’, (Gadelha, 1999, p.30); e como (1) ‘sujeito’ e (2) ‘indivíduo’ (Pontes, 2000, p.49). Interessante ressaltar que, apesar de não estarem baseadas em *corpora* e tratamento teórico adequados, tais publicações são resultados de intuições e observações de usuários nativos da língua portuguesa e, particularmente, da variedade dialetal em questão. Ambos os autores são contemporâneos e moradores de Fortaleza. Além disso, em seus prefácios e apresentações, tais autores afirmam que se teriam utilizado de suas relações sociais de caráter profissional e/ou privado para a tarefa de repertoriar os itens lexicais e respectivas definições constantes em suas publicações.

Diante de tais divergências, isto é, diante de definições que reconhecem usos da expressão convencional *cabra* ora relacionadas prototipicamente a homem mestiço (CASCUDO, 2009, FERREIRA, 2004 e FREYRE, 2004), ora a homem violento (FERREIRA, 2004) ou a ‘um homem’, ponderamos se não haveria relação entre a

² Segundo Pontes (2000), ‘cabra vei’ significa ‘amigo’, ‘gente fina’.

³ ‘cabra raparigueiro’ se refere a homem infiel que sai com muitas mulheres ao mesmo tempo.

⁴ Para Ferreira (2004), ‘capanga’ pode se referir a valentão ou homem que se coloca a serviço de quem lhe paga. [Sin, nesta acepç.: *cabra, guarda-costas, jagunço, pistoleiro, satélite, sombra*]

intensificação do processo de urbanização pelo qual passou o Nordeste nos últimos anos e a variação no uso prototípico da expressão convencional *cabra*.

De acordo com Menezes (2009), o processo de modernização pelo qual passou a região nordestina nas últimas décadas é tão relevante que houve forte variação nos temas tratados na Literatura de Cordel. Ou seja, para Menezes (2009), haveria três momentos históricos delimitados pelos temas tratados por esse gênero literário. O período histórico mais recente estaria associado ao fato de os folhetos de cordel passarem a narrar, predominantemente, acontecimentos do presente, revelando vários sintomas de ruptura com a unidade cultural construída com base nas velhas matrizes sociais.

Em outras palavras, para Menezes (2009), o processo de modernização pelo qual passou o Nordeste nas últimas décadas modificou tão intensamente as relações sociais da região que reduziu o relativo isolamento cultural da Literatura de Cordel e ampliou a sua inserção em novos códigos sociais mais característicos da modernização atingida pelos setores dominantes da sociedade nacional.

Por outro lado, interessante ressaltar que, de acordo com 73,3% dos 30 participantes - que responderam ao quarto questionário – haveria diferença quando um homem é chamado de *cabra* em vez de ‘cara’, ‘rapaz’ ou ‘homem’. Para a grande parte desses respondentes, tal diferença está relacionada, sobretudo, à questão dialetal. Para parte desses respondentes, tal caráter dialetal pode ressaltar características negativas do homem nordestino como ‘machismo’ e ‘rusticidade’ ao passo que, para outra parte, o caráter dialetal pode destacar características positivas desse homem como ‘garra’ e ‘força de vontade’, ‘persistência’ e ‘resistência’.

Quanto à visão dos participantes acerca da *cabra* propriamente dita, para 50,0% dos 30 respondentes do terceiro questionário, a *cabra* não possui atributo relacionado com a ideia de violência contra 40,0% que disseram que ‘sim’; 6,7% disseram ‘não saber’ e 3,3% que disseram ‘depende’. Além disso, 66,7% dos 30 participantes disseram que a *cabra* possui atributo relacionado com a ideia de valentia contra 30,0% que disseram que ‘não’; 6,7% se abstiveram; e 3,3% disseram que ‘depende’. Por último, para 50,0% dos 30 participantes, a *cabra* não possui atributo relacionado com a ideia de virilidade contra 43,3% que disseram que ‘sim’ e 6,7% que se abstiveram.

Em suma, é possível concluir, de acordo com dados acima mencionados, que para os residentes de Fortaleza, o uso da expressão convencional *cabra* está

prototipicamente relacionado com ideia de ‘um homem’ ora valente (resistente, com força de vontade e garra), ora ‘viril’ e ‘rude’ com base no mapeamento de características relativas à valentia e à virilidade atribuídas ao animal cabra.

Em outras palavras, mesmo que, para tais residentes, a ideia de homem mestiço e violento não seja representativa no mapeamento de homem em termos de cabra, é possível verificar aí uma tensão entre uma conceptualização de caráter positiva e negativa, já que tanto os traços de rusticidade e de virilidade são mapeados como o de bravura e valentia.

3. Considerações finais

Para Kövecses (2009), a variação metafórica pode ser compreendida com base em dois grupos: o das experiências diferenciais e das preferências cognitivas. A experiência diferencial dependeria da variação dos contextos culturais, dentre outros. Para o autor em questão, contexto cultural é compreendido na condição de conjunto de todos os conceitos e valores únicos e salientes. Tal conjunto apresenta especial “importância na [emergência de Metáforas Conceptuais], já que permeia diversos domínios gerais de experiência em uma cultura ou grupo cultural” (Kövecses, 2009, p.208-209), a exemplo do que ocorre com a variação das metáforas de nível específico que integram a MC de nível genérico e potencialmente universal **UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO**.

Com base em pesquisa, tal metáfora varia a partir das metáforas de nível específico em função dos diferentes tipos de preenchimento cultural, a exemplo do que se verificou na língua inglesa e chinesa. Na língua inglesa, ‘raiva’ estaria sendo conceptualizada como um líquido em recipiente pressurizado ao passo que, na cultura chinesa, ‘raiva’ estaria sendo conceptualizada como gás em recipiente pressurizado.

No que tange às preferências cognitivas, Kövecses (2009) discute, dentre outros aspectos, o que chama de Foco Experiencial. Tal aspecto teria como indagação se a base corpórea de natureza universal, a exemplo da experiência corpórea quando ainda somos bebês ou crianças pequenas, é usada da mesma maneira em todas as culturas. Nesse sentido, Kövecses (2009) pondera que as evidências a partir de exemplos da variação da Metáfora Conceptual **UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO** apontam para o contrário.

Em outras palavras, segundo o autor em questão, “a base corpórea universal, sobre a qual as metáforas universais poderiam ser construídas, não é utilizada da mesma forma ou na mesma proporção em línguas e culturas diferentes”. (Kövecses, 2009, p.272). Tal evidência leva o autor a pleitear a existência do que chama de Foco Experiencial. Em outras palavras, o Foco Experiencial estaria relacionado com direcionamento diferenciado por parte dos vários povos em relação aos diversos aspectos de funcionamento de seu corpo e um dado domínio-alvo.

A título de conclusão, Kövecses (2009) pondera que muitos processos cognitivos operam na conceptualização metafórica de forma que eles não incluem apenas a identificação da relação entre dois domínios conceptuais, mas também o foco e os contextos culturais, por exemplo. O autor assinala que todos esses processos podem ser encontrados operando em todas as línguas e culturas, mas o grau com que eles se aplicam pode variar de língua para língua.

Para discussão mais aprofunda desse grau, Kövecses (2009) pleiteia o desenvolvimento de uma visão cognitivo-cultural da MC. Essa visão teria caráter complementar à visão experiencial postulada, de maneira majoritária, pelos estudiosos da Metáfora Conceptual, em especial pelos linguistas e cientistas cognitivos.

Nessa perspectiva, tratamos a expressão convencional *cabra* como licenciada pela MC, de caráter potencialmente universal, SER HUMANO É ANIMAL variando em função de normas culturais ou conjunto de conceitos e valores únicos e salientes da comunidade dos falantes de língua portuguesa do Nordeste do Brasil. Ou seja, investigamos e discutimos, por um lado, a influência do conjunto de valores e crenças de determinado setor da sociedade brasileira e nordestina - a aristocracia agrária nordestina e a elite brasileira – na conceptualização negativa de homem em termos de *cabra*.

Por outro lado, devido a supostas transformações realizadas nas velhas matrizes sociais nordestinas, analisamos o fato de a expressão convencional *cabra* passar a se referir prototipicamente a ‘um homem’ por se encontrar licenciada por um conjunto de conceitos e valores únicos e salientes de setores urbanos como a cidade de Fortaleza, para os quais certos atributos do *cabra* se correlacionam com certos atributos da *cabra*, a saber: são seres que habitam na precária e dura paisagem nordestina e adotam comportamentos de valentia, de virilidade e de coragem necessários ao enfrentamento dessa precariedade e dureza.

Referências Bibliográficas

CASCUDO, Luís Câmara. *Coisas que o povo diz*. São Paulo: Globo Editora, 2009.

CAVALCANTI, Fernanda C. A análise da expressão convencional cabra sob a perspectiva da teoria dos modelos cognitivos idealizados. 2014. 246p. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. São Paulo: Global Editora, 2004.

GADELHA, Marcus. *Dicionário de cearês*. Fortaleza: Multigraf, 1999.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: Universality and variation*. Nova York: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Metaphor: A practical introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo/Campinas: Educ/Mercado de Letras, 1980.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the human mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Org). *Metaphor and Thought*. Nova York: Cambridge University Press, 1993.

MENEZES, Eduardo D de. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. s/d. Disponível em: <http://www.bahai.org.br/cordel/default.htm>, acessado em 15 jun. 2010.

MOTA, L. *Adagiário brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2002.

PONTES, Carlos Gildemar. *Super dicionário de cearensês*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2000.

RÊGO, José Lins do. *Fogo morto*. 21. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

RODRIGUEZ, Irene Lopéz. Women, biches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish. *Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume I*. v.VII. p. 77-10, 2009.

SOUTO MAIOR. Mário. *Território da danação: O diabo na cultura popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

Anexos

Questionário 1

1. O que lhe vem à mente quando você ouve a palavra CABRA? Liste as palavras que lhe vem à cabeça.
2. Você acredita que o termo cabra é utilizado para designar indivíduo do sexo masculino? ()sim; () não
3. O que é para você verdadeiramente um cabra? Ordene os termos abaixo numa lista. (Cabra Macho, Cabra da Peste, Cabra Bom, Homem, Cabra Raparigueiro, Cabra Véi, Um sujeito qualquer e Capanga)

Questionário 2

1. Você acredita que o homem e a mulher são animais?
2. Se você acredita que tanto o homem quanto a mulher são animais, qual seria a diferença entre homem/mulher animal e os demais animais?
3. Você acredita que haja diferenças entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro no geral? Por quê?
4. Você concorda com a definição segunda a qual CABRA se refere a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino/ Qualquer indivíduo/sujeito de

Questionário 3

1. Você gosta de animais?
2. Você cria algum animal?
3. Você tem ou já teve algum contato direto com Cabra?
4. Quando você pensa em Cabra o que lhe vem à mente?
5. Você associa Cabra a alguma simbologia?
6. Qual seria para você uma característica marcante de Cabra?
7. Você conhece alguma história interessante com Cabra?
8. Você acha que Cabra estaria mais associada a alguma região do Brasil?
9. Você vê alguma função específica de Cabra para o contexto sócio-cultural em que vive?

sexo masculino brasileiro/Apenas, algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro.

5. Você acha que a expressão CABRA DA PESTE e CABRA MACHO se referem a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino/ Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro / Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro e nordestino

6. Você acha que CABRA é usado também para se referir: Qualquer indivíduo de sexo feminino/Qualquer indivíduo de sexo feminino brasileiro/Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro/Só se refere a indivíduo do sexo masculino

7. Quando você ouve a expressão CABRA BOM, que tipo de imagem lhe vem à cabeça?

8. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um representante da mistura entre mulato e negro?

9. Você concorda com definição segundo a qual CABRA é um jagunço?

10. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um habitante da zona rural?

11. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um cangaceiro?

12. Você concorda com a expressão que diz que “Não há doce ruim e cabra bom”?

13. “Não me mete medo! Vá dizer a este mata-cachorro que eu agüento. Sou homem, cabra. Sou homem!” Ao ler essa passagem do romance FOGO MORTO, de José Lins do Rego, você acha que essa idéia de homem é adequada, é real?

10. Você acha que Cabra tem algum atributo que o relacione com a idéia de companheirismo?

10. Você se vê representado por algum animal? Qual seria?

11. Você acha que Cabra tem algum atributo que o relacione com a idéia de violência?

12. Você acha que Cabra tem algum atributo que o relacione com a idéia de valentia?

13. Você acha que Cabra tem algum atributo que o relacione com a ideia de virilidade?

14. Você acha que Cabra representa melhor o gênero masculino ou feminino?

15. Você gosta do cheiro de cabra?

16. O que você acha da aparência de Cabra? Você a acha um belo animal?

Questionário 4

1. Você acredita que o homem é um animal? Por quê?

2. Você acredita que o homem possa ser representado por um animal? Qual seria e Por que razão?

3. Você concorda com que a imagem do homem nordestino seja representada por Cabra?

4. Você vê alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de Cabra ao invés de somente “Homem”, “Cara”, “Rapaz”? Qual seria essa diferença?

5. Em sua opinião, qual seria o aspecto físico relativo a Cabra que você acredita que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem ?

6. Em sua opinião, qual seria o aspecto moral ou comportamental relativo à Cabra que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?

7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de Cabra? Por quê?

8. Você acredita que homens com os quais você

não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamados por você de Cabra? Por quê?

9. Você acha que o Cabra tem nacionalidade ou naturalidade específica?